

Xuxa não é só sexo, mas sexo faz parte da Xuxa

por Spensy Pimentel



A lição da “tia” de Ciências da 2a série era lapidar: “Os seres vivos nascem, crescem, reproduzem-se, envelhecem e morrem”. Fico até imaginando os efeitos profundos que uma sentença tão imperativa poderia produzir num garoto de personalidade um pouco mais casmurra que a da maioria ruminante.

Mas o que vem ao caso é o seguinte paradoxo: notavelmente, vivemos uma época em que o amadurecimento – a passagem do 2o para o 3o degrau da tal escala – é cada vez mais adiado no âmbito das instituições, enquanto no da sexualidade ele ocorre cada vez mais cedo.

Essa confusão, cujas causas podem ser aí discutidas pelos grandes logicistas – sejam psicólogos ou umbandistas –, penso eu que seja a raiz de bizarrices como o xuxismo.

O xuxismo é um fenômeno cultural brasileiro oitentista inaugurado, como se percebe, pela modelo gaúcha Maria da Graça Meneghel, a popular (e nacional) Xuxa –

Shoosha para os anglófonos. Trata-se de uma tendência irresistível de modelos loiras ou pseudo-loiras a apresentar programas de TV para o público infantil (e, num segundo momento, lastimavelmente migrar para o cinema). Muitas vezes desprezando qualquer oferta de trabalho, por milionária que seja, a moçoila xuxista, por um motivo qualquer – ainda a se desvendar –, só se dá por contente ao cativar midiaticamente as crianças (espelho: seria o apelo erótico da “tia”, recorrente em nossa cultura, das professoras primárias às domésticas – lembram-se de Amar: Verbo Intransitivo?).

Claro que algumas coisas mudaram entre Xuxa e Tiazinha, como da inocente pornochanchada para o mais radical produto do modelo industrial substituição de importações + engenharia reversa, a série de vídeos pornô Brasileirinhas. Dos shortinhos matutinos das Paquitas às lingerie S&M em horário nobre de Tiazinha (com a devida ressalva, de

que a cinta-liga hoje já está ao alcance de qualquer dona-de-casa, nas Pernambucanas e Marisas de todo o país), o liquidificador cultural brazuca foi do 1 para o 5, e a pachoca já se espalha por toda a cozinha.

Nesse sentido, Xuxa Requebra, o filme que é o mais recente produto cultural dessa linha, foi uma celebração. Marcaram presença as súditas *last generation* da Rainha dos Baixinhos: Carla Perez, Tiazinha e Feiticeira – afinal, trata-se de moças que beijam a mão da madrinha à primeira oportunidade.

No esqueleto do roteiro da fita, um excelente ponto de entrada para a discussão. No desenvolvimento da narrativa, a personagem de Xuxa, Nena, uma jornalista tímida, de roupas largas e óculos fundo-de-garrafa, vai descobrir seu corpo (eu poderia dizer “sua beleza”, mas no sub-sentido que emana de “corpo” reside a raiz do xuxismo) por meio da dança. A idéia que sanciona a história – e que algum tefepista mais atento poderia tranqüi-

lamente chamar de mensagem subliminar – é intuída pelo refrão da canção que o breganejo Daniel executa ao violão no ponto alto do filme, quando Nena sai de seu casulo e se vê pronta para o amor (com ele, o galã, naturalmente): “Amor não é só sexo, mas sexo faz parte do amor/ minha princesa, minha flor”. Não, não estou enganado, tive o cuidado de anotar, e além disso o trecho é repetido na cena final da fita, quando a união dos dois é de fato consumada com um beijo.

Nem serei simplório a ponto de perguntar o que um impropério desses faz num filme pretensamente infantil, seja da Xuxa ou do Tião Macalé. Está dito, e pronto. Já era, como diria o rap.

O fato é que a costura aqui fica mais interessante se lembrarmos que a geração noventista das súditas de Xuxa, notadamente Carla Perez e Tiazinha, conquistou a fama justo por meio de seus dotes rebotativos, ou seja, do uso consciente do corpo como fonte de apelo erótico na dança – claro que há elementos secundários, mas a sabedoria profunda de Caras deixou isso bem claro quando a revista publicou a manchete “Carla Perez: Não sou apenas um Tchan”. A idéia da “auto-libertação” nada tem de ruim em si própria. Difícil é quando vem aliada ao que subjaz nesses versos de Daniel e a exploração do erotismo nas roupas e outros quetais. Aí é que mora o perigo.

Não ousou erigir uma explicação cartesiana para essa curiosa relação, mas qualquer um que tenha visto dona Meneghel em *Amor, Estranho Amor*, com seu ex-nariz arrebitadinho levar aquele felizardo molecote para a cama, olhando-o com uma expressão facial que, em minha terra, pelo menos, diz tudo, há de convir que essa história toda cheira muito mal.

Nem Michael Jackson armaria melhor

do que ela o circo que se tornou a concepção de Sasha. Algum fiel mais exaltado deve se benzer ao assistir à verdadeira adoração que ela faz questão de manter em torno de si em seus programas.

Estrelismos à parte, dou desconto: considerando a cinematografia dos Trapalhões, e peças como a antiga abertura do programa dominical do grupo, numa animação em que Dedé se derretia à passagem de um fio-dental sumário, seria um tanto hipócrita responsabilizar a corte de Xuxa por toda a confusão que envolve o tratamento dispensado hoje pela mídia nacional ao erotismo.

Eu diria até mesmo que há um componente ambíguo na figura dessas moças quando se considera a questão sob o prisma feminista – e de uma certa maneira elas são vítimas, pois encarnam uma sexualidade liberada depois de séculos de contenção, enquanto seus dotes são capitalizados pelas engrenagens da estrutura ainda machista.

Problema mesmo é quando isso tudo vira um produto a ser consumido pelos pequeninos em geral. Sem esbarrar em moralismos, sejamos pragmáticos: a pedofilia pode atingir as melhores famílias, e mesmo que não seja esse o caso, gravidez na adolescência é uma dor-de-cabeça e tanto para qualquer um hoje.

Em contrapartida, qualquer mãe percebe que o que os olhos não vêem a genitália não sente, pelo menos até que o despertar dos hormônios se alie a um considerável desenvolvimento psicológico. Além do quê, o velho caso das tribos africanas em que a arte do rebolado é ensinada pelas mães a suas filhas demonstra que o x da questão é cultural. “Mantenha longe do alcance das crianças” é uma recomendação comum em frascos de remédio e veneno, cuja única diferença, já dizia o outro, é a dose. Que a Rainha e sua

corte continuem com seus filmes ruins, cheios de *merchandising* e repletos de um arinismo que faria Hitler babar, não acho ruim. Mas programa infantil na TV é coisa de responsa, pra só estar na mão de bonecos animados, ou menores de 10 anos, de preferência banguelinhas como a Simony, nossa Drew Barrymore tupiniquim – que pelo menos só foi tirar a roupa na Playboy depois de uma longa quarentena pós-Balão Mágico.

E não leio psicologia social suficiente a ponto de alegar, desde já, ineditismo na seguinte hipótese que esboço para criar uma metanarrativa que abranja o xuxismo; mas o fato é que, nesta nossa era pós-reichiana, a sociedade capitalista que, por séculos, construiu instrumentos para reprimir e direcionar a energia da libido humana, transmutando-a em produção, parece ter mudado 180° de estratégia, com a grande sacada de que, para manter sob controle a atual massa de mão-de-obra excedente, nada melhor do que o sexo: superficial, vazio e, além de tudo, graças à AIDS, inócuo enquanto fator de transcendência do eu (algo metonimicamente expresso, talvez, pelo preservativo de borracha). Tal passagem, não por acaso, evidenciada no recente *Boogie Nights* pela transição filme-vídeo / carne-silicone / maconha-cocaína / libertação hippie-obsessão yuppie, transforma o sexo numa banalidade insuspeitadamente conveniente para as forças políticas conservadoras (a despeito do espaço exíguo, não estou delirando!).

Tão banal que nem mesmo consegue mais inspirar uma metáfora que preste. E aí, tem-se que ouvir por aí coisas de uma pobreza como “amor não é só sexo, mas sexo faz parte do amor”. Valha-me Iemanjá.

Spensy Pimentel é jornalista e mestrando em Antropologia pela USP